

Texto-Aula

Organização Escolar (UFSC/2021)

Prof. Gabriel Torelly

Trabalho pedagógico coletivo: conselho de classe, reunião pedagógica, relação escola e comunidade.

“A educação é política não porque seja partidária, mas porque exige formas de exercer o poder, de organizar um coletivo, de fazer uma comunidade”

(Kohan, 2019).

Pelo menos desde que a Constituição Federal de 1988 interrompeu um lapso de 25 anos de servidão voluntária institucionalizada, as palavras “democracia”, “participação”, “coletivo” passaram a povoar o cenário de nossos encontros educacionais. O percurso dos últimos anos desgastou a tal ponto os usos dessas palavras que hoje elas soam muitas vezes como signos vazios, clichês fartamente surrados, cogumelos apodrecidos que mastigamos sem saborear. Em função dos modos como as utilizamos, muitas vezes como palavras de ordem que hipotecam a potência da linguagem num diapasão de denúncia ou preguiça, as forças que dão vida aos conceitos parecem ter simplesmente desertado. As palavras, ao serem assim empregadas, parecem reafirmar as dores de um corpo perdido, ou, no pior dos casos, o nosso obtuso direito de não pensar. Não se trata, entretanto, de procurar culpados pelo crime do esvaziamento das palavras. Certamente, a palavra de ordem que abdica do próprio corpo ou se desobriga de pensar não o faz por livre e espontânea vontade. O corpo da palavra, ao menos isso é o que parece na maioria das vezes, não morre de morte morrida, mas de morte matada. Esse seria apenas um diagnóstico de partida. A partir dele, poderíamos pensar que o objetivo de um trabalho pedagógico coletivo seria reatar o vínculo entre o significado da palavra e o seu corpo perdido. Caberia a nós responder, hoje, dadas nossas especificidades periféricas, latino-americanas, nossa pluralidade de marcadores étnico-raciais, o que vem a ser, afinal de contas, democracia. Entraríamos, então, como verdadeiros exploradores de abismos,

argonautas de superfícies ainda não mapeadas, num conselho de classe ou numa reunião participativa, à cata de um velho tesouro enterrado. Catar o corpo dessas palavras surradas, portanto, é o que faríamos no chão da escola, nas salas de aula, onde a força que se faz é para permanecer com as palavras junto ao corpo, com os pés firmes na terra, com os sentidos conectados ao ritmo da comunidade.

Não se trata de acreditar que um outro mundo é possível, sonhar ou projetar outro mundo qualquer. Esse é precisamente o script ou o pré-roteiro de uma novela já muito visitada e conhecida em nossa história do pensamento. A panaceia da utopia possui uma longa jornada, cheia de variações que, entretanto, repercutem o mesmo: algo de fora, separado, mais ou menos distante, em todos os casos, hierarquicamente melhor, moralmente superior, chega como um modelo para referenciar o mundo das nossas pobres práticas. Essa imagem cai como uma bola de ferro sobre nossa cabeças. Uma esfera compacta, se quisermos acompanhar Parmênides; um paralelepípedo matemático, se preferirmos parodiar a Ideia de Platão; uma ilha voadora, se quisermos imagens mais contemporâneas. A força diretiva da imagem esmaga corpos, embota sentidos, aniquila a insistência do que realmente importa: os *liames* com a vida. A afirmação da vida em sua integralidade. Todos os seres, sem cavernas bipartidas, sem luzes ofuscantes (a-lunos). Univocidade que se faz no pequeno, no ínfimo cotidiano, naquilo que nos atravessa como um sopro e nos leva, diariamente, a riscar uma cabeça de fósforo, acender o fogo, cantarolar uma canção, piscar com um vagalume, contar uma anedota, chutar uma pedrinha, olhar longamente pela janela, em suma, respirar para adiar o fim. O sonho que sonhamos é aquele que permite acreditar no liame com o mundo, este mundo, nenhum outro; a alteridade, uma forma de ligação, não uma ponte para saída. A única saída possível é a (re)invenção do encontro, alguma modalidade de conexão. A questão, assim, quando pensamos em um Projeto político-pedagógico, não seria: “*Para onde vamos quando conscientes (despertos, acordados)?*”; mas, de outra forma: “*O que produzimos quando ligamos os pontos?*”. Mãos nos bolsos. Pedrinhas rolantes. Suspensórios para não cair. Uma reunião pedagógica para pensar¹. Séries didáticas para criar. Lançar os dados.

¹ “Não é exagero dizer que imagens do pensamento determinam variáveis estilísticas, uma pluralidade de *ethos*, de modos de vida, múltiplas possibilidades de existência: ativa ou reativa, afirmativa ou negativa, intensiva ou extensiva” (HEUSER, 2009, p.93).

A escola é um meio de proliferação de muitos acontecimentos. O meio dos acontecimentos é um meio de acidentes puros, cujas regras dependem do acaso, um meio de movimentos, conflitos, tensões, encontros e desencontros que não obedece a uma finalidade ou a uma direção pré-determinadas. Muitas coisas acontecem entre os milhares de corpos e corpúsculos que se encontram numa escola e se enturmam numa sala. A princípio, quando consideramos o escolar como pura partilha de tempo, de um tempo fora dos gonzos, sem condicionalidades, ficamos quase sufocados pelas possibilidades e pelos riscos envolvidos na hipótese de uma criação ilimitada. Num segundo momento, passamos a considerar, “Bem... mas existem as leis, os currículos, as disciplinas, existem os estudantes, suas famílias, existe a comunidade, o conselho municipal de educação, existem, por fim, as expectativas da sociedade”. Vemos então que muitas coisas preexistem e cruzam o meio escolar. O meio onde proliferam múltiplos acontecimentos, onde a partilha do tempo preenche corredores por onde correm e se chocam átomos insensatos é, a bem dizer, atravessado por diversos segmentos endurecidos. Nessa encruzilhada, a escola apresenta-se como um campo onde concorrem um pluralismo de fato e um dualismo de direito. Aterrorizados pela multiplicidade galopante de corpos plenos que se batem, que se amam e se chocam, optamos, muitas vezes rápido demais, pelo eixo Platão-Sócrates e esquecemos da irreverência de Demócrito frente aos átomos incontrolláveis. Quer dizer que muitas vezes, quando estamos na escola, nos conforta a figura do diretor ou da diretora que gerencia o conflito através da ideia-modelo, que atualiza, em sua prática discursiva cotidiana, a história dos modos que buscam a segurança. Quer dizer que muitas vezes não apenas somos, mas *queremos* ser dirigidos. Quando as forças que habitam essa vontade triunfam sobre as forças que se opõem a ela, as palavras participativas se esvaziam do sentido, a negociação entre iguais acabou. O sentido, com razão, abandona a “democracia”, a “participação”, o “coletivo” e se converte num problema técnico-gerencial, prerrogativa da direção, do delegado, do gestor eleito. Cria-se um fosso entre a potência da comunidade e as formas de resolução. Mecanismos automatizados substituem rituais de negociação. Cansados de fabular o rito, entregamos-lhe a um agente externo, que empacota nossos afetos, apazigua nossos impasses, apresenta algum modelo de resolução. Consumir é melhor do que criar. Empanturrados de farinha branca pelos salgados do conselho de classe, inebriados pelo açúcar refinado do refrigerante da reunião pedagógica, professores, professoras, com a angústia momentaneamente anistiada, desejam, efetivamente, que alguém lhes diga, precisamente, aquilo que devem fazer. Numa escola ou numa relação qualquer, a ladainha do poder está

sempre à espreita. Ela é, digamos brevemente, uma entrega à corrente das forças reativas, um deixar-se estar na inércia das ondas habituais, em outros termos, ela é o caminho mais fácil. Porém, desde que Paulo Freire passou por aqui, numa cidade sem esquinas criou-se uma, chamada “inédito viável”. Nessa esquina improvável, o espírito do rigor não responde questões, antes provoca-as, cria mal-estar, propicia incertezas. Assim, o rigor é uma maneira de comunicação que provoca o outro a participar, inclui-o numa busca ativa.

Aí, “Questões preciosas emergem: Como amar além do sujeito e dos significantes como formas de poder? Como aprender e ensinar a quem das hierarquias? Como pensar sem a referência do um e de suas dicotomias? O ser humano como representação do um e o dever da escolha interminável: homo ou heterossexualidade, cidadania ou marginalidade, oportunismo ou fracasso, não é essa a velha ladainha?” (FONSECA; TRINDADE, 2009, p.167). Se abandonamos as noções de verdadeiro ou falso, bem ou mal, certo ou errado, o que nos resta não é a bagunça, o vazio, ou uma sopa indiferenciada, mas o sentido e o valor. Em outras palavras, “tem-se sempre a verdade que se merece de acordo com o sentido do que se diz, e de acordo com os valores que se faz falar” (DELEUZE, 2006, p.175). O conselho de classe, a reunião pedagógica, esses dispositivos escolares clássicos, são tradicionalmente meios bastante favoráveis para a disseminação da ladainha. Antes de iniciar, uma reunião pedagógica já está completamente tomada pelos clichês das boas intenções e pelo espectro do cansaço. Antes de iniciar, um conselho de classe já se nos apresenta como um campo de batalha imaginário, onde os professores finalmente se vingam dos terríveis alunos que atormentaram suas vidas docentes ao longo do ano. Trata-se, então, contra os clichês que povoam o espaço antes mesmo de nele adentrarmos, de pensarmos princípios, não como pontos fixos e imutáveis, como fórmulas ou cartilhas para a ação, mas princípios como inícios, como maneiras de estar sempre a recomençar, infância dos dias, infância da escola, sempre dados a rolar. “Eles não dizem “como se deveria educar” frente ao “como se educa”, mas como se poderia iniciar uma outra maneira de habitar o espaço docente” (KOHAN, 2019, p.30).

Referências

DELEUZE, Gilles. Sobre Nietzsche e a imagem do pensamento. In: DELEUZE, Gilles. **A ilha deserta**: e outros textos. São Paulo: Iluminuras, 2006, p.175-185.

FONSECA, Tania Mara Galli; TRINDADE, Daniel Dutra. Rizoma. In: AQUINO, Julio Groppa; CORAZZA, Sandra Mara. **Abecedário: Educação da diferença**. Campinas, SP: Papyrus, 2009, p.164-167.

HEUSER, Ester Maria Dreher. Imagem do pensamento. In: AQUINO, Julio Groppa; CORAZZA, Sandra Mara. **Abecedário: Educação da diferença**. Campinas, SP: Papyrus, 2009, p. 91-98.

KOHAN, Walter. **Paulo Freire, mais do que nunca**: uma biografia filosófica. Belo Horizonte: Vestígio, 2019.

https://www.academia.edu/39864804/Paulo_Freire_mais_do_que_nunca_apresenta%C3%A7%C3%A3o